

SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO ESCOLAR E DIVERSIDADE*SEXUALITY, SCHOOL EDUCATION AND DIVERSITY*Clarice Klann CONSTANTINO¹Celso KRAEMER²

RESUMO: A presente pesquisa objetiva compreender sexualidade e homoafetividades em escolas de Blumenau e região. Aplicou-se um questionário a 105 professores e 987 estudantes. Os dados são analisados com base na arqueologia e na genealogia de Foucault. Verificou-se que a homossexualidade é vista apenas como uma prática, por relação genital. Não se aludem gêneros além de masculino e feminino. A maioria dos professores mostra preconceito com a homossexualidade, enquanto 70% dos estudantes a aceita. Professores e estudantes ignoram o sentido de homoafetividade e mostram visão estereotipada de homossexualidade. Sobre alteridade, a escola não discute sexualidade e rejeita homossexuais, embora os estudantes aceitam o tema, diminuindo a intolerância e a hostilidade aos *diferentes* na sexualidade. Mas falta curiosidade, tipo *já sei tudo*, atitude que revela pouca expectativa sobre a escola, na superação dos estereótipos aos quais ela tem aderido, reproduzindo-os na atitude dos professores, no material didático pautado na heterossexualidade, na moralização das condutas que ela impõe. O alto índice de preconceito entre os professores mostra que o *esclarecimento* sobre a homossexualidade deve ser buscado fora da escola, pois esta se mostra ineficiente com temas relevantes da educação atual, como a diversidade, a alteridade e a sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: educação, sexualidade, homoafetividade, ética, diversidade.

INTRODUÇÃO

A necessidade de se discutir a temática da sexualidade e da homoafetividade, homossexualidade, homofobia, etc. é recente, sobretudo, nos ambientes escolares. A escola é um dos mais importantes espaços para as primeiras inteirações das crianças fora do mundo familiar. É na escola que ela experimenta, efetivamente e sem a presença direta dos pais, as primeiras socializações. Mas é na escola o local no qual também se experimentam as primeiras hostilidades e sofrimentos, sobretudo, nas questões ligadas à sexualidade. As pesquisas nessa área não são muitas e suas contribuições parecem ficar afastadas do cotidiano dos pátios, corredores e salas de aula de nossas escolas. Por outro lado, nesse momento de nossa história, a escola se defronta com uma população que é exposta a cenas cotidianas de sexualidade, tanto de heterossexuais quanto de homossexuais. Os alunos, sobretudo adolescentes, vivem as experiências de sexualidade, das mais variadas maneiras, desde o modo de se vestir, os cuidados com a higiene e a aparência pessoal, as transformações bruscas com seu corpo, as amizades e os afetos entre pares ou com adultos, bilhetinhos ou recados eletrônicos das tecnologias digitais, os primeiros beijinhos, etc. São experiências marcadas com as diferentes problemáticas implicadas na constituição e definição da sexualidade. Também professoras e professores vivenciam

¹ Professora do Curso de Direito do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: live_on_aliases@hotmail.com

² Professor do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, Santa Catarina, Brasil. E-mail: kraemer250@gmail.com

cotidianamente sua sexualidade em seu local de trabalho e onde também constituem a maior parte das relações, demarcando suas realizações profissionais e pessoais, mas também seus sofrimentos e hostilidades, sobretudo se não estiverem adequados à norma da sexualidade que vigora na escola.

A presente pesquisa busca contribuir com a discussão da sexualidade em ambiente escolar. Em função disso tem como *locus* de estudo das sexualidades nos espaços escolares das redes públicas de quatro cidades localizadas no Vale do Itajaí, Santa Catarina. Segundo se observa, o cotidiano social e escolar é permeado por manifestações da sexualidade, muitas vezes envolvendo estigmas e sofrimentos. Frente a essa situação, essa pesquisa tem como objetivo identificar, nas falas de estudantes e professores, o entendimento dos mesmos sobre sexualidade, homoafetividade e homossexualidade, pensando na questão da alteridade, ou seja, a aceitação do outro na medida em que ele, enquanto presente para mim, mostra ser diferente de mim. O tema da alteridade, portanto, implica o tema da diversidade, ou seja, a aceitação dos que não se enquadram nos mesmos estilos, gostos, aparência e escolhas que as minhas. Embora o tema da diversidade implique o tema da alteridade étnica, religiosa, cultural, linguística, a presente pesquisa centra sua atenção à alteridade sexual, contribuindo para o combate à homofobia que ainda se verifica nos ambientes escolares.

A análise dos dados dos questionários e de pequenas narrativas que foram registradas nos campos descritivos do mesmo pode ser bastante reveladora no que se refere aos tipos de verdade que circulam nos espaços escolares. Discutir as verdades sobre sexualidade presentes nos ambientes escolares é importante na medida em que elas constituem formas de exercícios de poder, dispositivos ou tecnologias que atuam na constituição das subjetividades das pessoas que convivem nesses espaços. Importante se faz lançar um olhar sobre a escola, pois muitos podem imaginar ser a escola um local distante do preconceito e da discriminação no que tange às questões de sexualidade.

A proposta de discussão da construção das identidades sexuais nos processos sócio-históricos, as lutas e conflitos violentos presentes nesse processo que marcam expressamente a subjetividade das pessoas parte de uma abordagem genealógica de Foucault. A genealogia se ocupa do poder e de sua interação com as formas de saber e de constituição da subjetividade das pessoas, ou seja, “o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos” (VEIGA-NETO, 2005, p.66). A maneira de olhar para os objetos ou fenômenos como a sexualidade está carregada de elaborações institucionais, coações morais, relações sociais, crenças religiosas ou científicas, enfim, conceitos, preceitos e efeitos de poder. Isso significa que nosso saber também está carregado de efeitos de poder, segundo a arqueologia de Foucault. Os dizeres dos estudantes sobre sexualidade explicitam o saber que circula nas escolas acerca dessa temática. Analisar esses dizeres significa questionar as formas como esse saber é constituído pelas práticas de poder que nela atuam.

Os dados foram gerados pela aplicação de um questionário em 16 escolas, de 4 municípios localizados no Vale do Itajaí, Santa Catarina. Deste total, 8 escolas estaduais com alunos e professores do ensino médio e 8 escolas municipais, com alunos do 8º e 9º anos. Em cada um dos municípios pesquisados foram selecionadas 2 escolas municipais e 2 escolas estaduais.

As três primeiras perguntas solicitam uma definição para os conceitos de (1) Sexualidade; (2) Homossexualidade; (3) Homoafetividade. As demais questões são objetivas, com as opções de assinalar sim, não, outras respostas, podendo justificar sua resposta. Os enunciados das perguntas 4 até a 21 referem-se ao modo como a sexualidade e a homossexualidade é vista por eles em diferentes âmbitos da vida social, desde implicações entre lideranças políticas e homossexualidade, passando pelo modo de avaliar suas amizades a partir do critério da sexualidade; seus juízos sobre afetos hetero e homossexuais (como beijos, carícias) em espaços públicos, se homossexuais pensam mais em sexo do que heterossexuais, até suas curiosidades pessoais sobre a temática da sexualidade humana (o que você sempre quis saber e nunca teve oportunidade ou coragem para perguntar). Como o questionário assegura o anonimato e a pesquisa assegura o sigilo sobre a identidade das pessoas que responderam, elaboraram-se perguntas inusitadas nessa questão. Mas um número significativo de pessoas respondeu que não tinha curiosidade sobre o tema, como se verá nas análises.

HOMOAFETIVIDADE, VISH, O QUE É ISSO?

Falar de sexualidade é mais complicado do que pode parecer. Mesmo nas condições de sigilo na pesquisa, sem dar o nome no questionário, nem ter que falar ante os colegas, só precisando escrever no questionário, entregar a/ao pesquisador/a, ainda assim muitos questionários não obtiveram respostas em algumas questões, outros apresentaram timidez, preconceitos, insegurança ou até mesmo extrema confusão sobre os conceitos. Nesta seção se analisam respostas dadas por 987 alunos da Educação Básica, dos quais 261 pertencem ao 9º ano do Ensino Fundamental, 257 são do 1º ano, 237 são do 2º ano e 232 são alunos do 3º ano do Ensino Médio distribuídos entre 8 escolas estaduais e 8 escolas municipais de 4 municípios da região do Vale do Itajaí e por 105 professores dessas escolas. As respostas foram motivadas pelas três perguntas descritivas do questionário. O enunciado da primeira pergunta: sexualidade é? A segunda pergunta: homossexualidade é? E a terceira pergunta: homoafetividade é? O questionário foi aplicado entre os meses de setembro, outubro e novembro de 2014. Na escola e, com autorização prévia da Gerência Regional de Educação da Secretaria de Estado da Educação e das Secretarias Municipais da Educação, solicitava-se a permissão à direção, ia-se para a sala de aula, em horário de aula, e aplicava-se o questionário. Portanto, as respostas foram geradas em ambiente escolar e o respondente estava na condição de aluno. Este

dado tem sua importância, pois se entende que ele interfere no modo como a resposta foi construída, com a ênfase própria de condição de aluno.

No que concerne à escola, segundo Moura (2010, p. 14), referindo-se a Foucault, podemos analisá-la “[...] a partir dos três eixos fundamentais de seu pensamento: a análise dos sistemas de saber, as modalidades de poder e as relações do *eu* consigo próprio.” Segundo ele, pesquisas realizadas por Foucault “[...] evidenciam o paradoxo na função da escola. Na modernidade, atribuiu-se à educação, por intermédio de sua universalização, a grandiosa tarefa de esclarecer e emancipar o homem, dando-lhe condições de construção de sua liberdade moral.” (MOURA, 2010, p. 14) Mas na prática a educação escolar serve para inculcar nas gerações jovens, por meio de refinadas tecnologias disciplinares e de subjetivação, os modos de vida e os valores socialmente estabelecidos, com todos os preconceitos e estereótipos implicados nesses padrões. Portanto, essa instituição deve ser compreendida também “como um local de articulação dos poderes e saberes na produção do sujeito moderno.” (MOURA, 2010, p. 14)

Sendo assim, devemos sempre levar em consideração tais apontamentos quando formos trabalhar com questionários e alunos, respostas e pontos de vista, pois tal diagnóstico nos fornece, mais que uma verdade sobre a sexualidade, um quadro das relações existentes no ambiente escolar. Essa instituição que exerce uma vigilância hierárquica continuada (FOUCAULT, 1987), visa constituir seu corpo segundo critérios que exigem a adesão do indivíduo às suas rotinas, as pessoas dão respostas condicionadas também pelo ambiente da instituição. Dessa forma, a escola pode ser vista como instituição que promove a submissão do indivíduo que a frequenta.

Foucault (1987), em *Vigiar e Punir*, demonstra o tratamento que é dado aos alunos na instituição escolar. Como é organizada, por quem é organizada e para o que o é. Isso influencia diretamente no comportamento dos que lá estão, portanto, devemos levar em consideração a formação estrutural e comportamental da instituição escolar, que molda o ambiente no qual os alunos estão inseridos e conseqüentemente suas perspectivas.

Sobre o tema da sexualidade, conforme assinalou Marilei Terezinha Schreiner, é importante considerar que “A expressão da homossexualidade no espaço escolar é um grande desafio” (SCHREINER, 2012, p. 101), pois, segundo ela, a heteronormatividade sexual se impõe nesse ambiente. Por isso, para aqueles “[...] que ousam desafiar esta determinação resta a discriminação e o isolamento.” (SCHREINER, 2012, p. 102) Considerando tal perspectiva, fica mais claro que as falas dos alunos acerca da questão da homossexualidade também mostra o *biopoder* em uma instituição que possui regras internas de comportamento, normalidades, como a heteronormatividade, por exemplo. Schreiner (2012, p. 109) ainda aponta que “[...] as violências de ordem sexual [são] de grande incidência em nossa sociedade, não é difícil acreditar na possibilidade de que

muitas destas violências invisíveis sejam referentes à expressão da sexualidade das crianças e adolescentes, nas escolas”.

Sobre a diversidade sexual na escola deve-se considerar também que há, na vida das pessoas que a frequentam, outros relacionamentos fora da escola que influenciam a vida escolar. Os estudantes percebem que comportamentos assumidos em outros espaços sociais, no caso de homossexuais na escola, sejam professores, pais, ou mesmo estudantes, estes são “[...] criteriosamente condenados ou cuidadosamente ocultados, quando não por preconceito manifesto, sob o pretexto de ‘proteger’ o sujeito dos preconceitos ‘dos outros’” (SCHREINER, 2012, p. 109). E isso, evidentemente, influencia diretamente nas respostas que surgiram ao longo da pesquisa. Apesar das sujeições produzidas no ambiente escolar, também se verifica reações afirmativas por parte de algumas pessoas. Tais reações são trabalhadas por Foucault (1978) com o conceito de resistência, ou revolta. A resistência não é apenas uma atitude de ressentimento, mas é também uma atitude positiva, de não sujeição ou de reação às tecnologias de poder. As resistências são também relações de poder (FOUCAULT, 1979), pois participam das relações de força que identificam a noção de poder de que trata o conceito de disciplina e de resistência em Foucault.

O preconceito contra os homossexuais existe, portanto, como afirma Marco Antonio Torres, enquanto este mesmo “[...] preconceito não foi reconhecido como figuração que regula as relações educacionais de toda a comunidade escolar, ficaremos procurando a homofobia nas pessoas.” (TORRES, 2010, p. 60). O mesmo autor ainda acrescenta que é necessário “[...] repetir que as diferenças de identidade de gênero e orientação sexual também são direitos humanos a serem reconhecidos” (TORRES, 2010, p. 60). Esse ambiente escolar, como podemos notar, é fundamental que seja colocado em pauta nas discussões sobre sexualidade, homossexualidade e claro, preconceitos, já que exerce papel fundamental no modo de tratar dessa diversidade existente em muitos ambientes.

Considerando, portanto, o local de onde são produzidas as respostas, salienta-se que, entre os três conceitos das três questões iniciais da pesquisa (sexualidade é?; homossexualidade é?; homoafetividade é?), o maior número de pessoas, quase um terço do total de alunos e professores, diziam não saber o que é homoafetividade. Em segundo lugar, um número ainda significativo, quase um quinto de alunos, dizia não saber o significado de sexualidade, enquanto um número pequeno, em torno de 4%, dizia não saber dizer o que é homossexualidade. Entre os que responderam descritivamente cada conceito, verifica-se que o entendimento que os alunos e professores participantes da pesquisa têm desses conceitos é bastante problemático, conforme se verá em seguida.

SEXUALIDADE É? “TENHO DÚVIDAS, SEXUALIDADE É O GOSTO SEXUAL DE UMA PESSOA HETERO?”

As falas sobre a questão do que é sexualidade mostram que a noção de sexualidade está embasada na relação com o outro. Entre as quase mil respostas, uma única diz que sexualidade é “Relação do indivíduo com o seu corpo”, ou seja, que refere o tema da sexualidade a uma identidade, a uma experiência da pessoa no mundo, a uma forma de experiência da pessoa consigo mesma, sua identidade e ao modo de constituir-se. Uma das respostas também pensa a sexualidade como processo no qual se “Define o sexo da pessoa”. Nas demais respostas, a preocupação está centrada na relação. Segundo um padrão de respostas, sexualidade é “O ato de uma pessoa se relacionar com outra, tanto no ato afetivo como no ato sexual”. Para um número elevado de respostas a sexualidade se refere ao “ato de realizar sexo com outra pessoa”. Para um pequeno percentual das respostas o conceito de sexualidade pode implicar amor ou só o prazer, “Sexualidade é a troca de afetos com outras pessoas, por amor ou só por prazer”. Interpretando esse dizer, sexualidade significa prática sexual que pode ser efetivada por amor ou só por prazer. Em algumas respostas sexualidade pode ser “Falar sobre sexo”.

Para uma parcela significativa, mais de 70% das respostas, o caráter heteronormativo está associado ao conceito de sexualidade, valendo como referência para a forma “correta” da definição sexual. Para estes, sexualidade é “O sexo de cada pessoa, feminino, masculino homem gostar de mulher e mulher gostar de homem”. Também a noção de sexo como função biológica na reprodução está associado à sexualidade, “Se relacionar com pessoas do sexo oposto para ter gerações, o mundo continuar a evoluir por um fruto de relacionamento heterossexual”.

Chama muito a atenção o fato de que o padrão de respostas com o maior número de referências aponta a sexualidade como opção sexual, uma escolha da pessoa (pensada simplesmente enquanto prática, a sexualidade se limita à escolha de parceiras ou parceiros na relação sexual). Esse dado é intrigante por diferentes motivos. Um dele é a tônica solipsista que percorre o pensamento juvenil. É o individualismo levado aos extremos, comportando-se como se a dimensão social, histórica e cultural não desempenhasse nenhum papel na constituição das sexualidades. Nesse mesmo sentido, essa via de pensamento assinala a ausência de estudos e discussões mais aprofundados no ambiente escolar, seja entre professores, seja com os alunos, acerca da relação entre sexualidade, política, produção social e econômica. É muito importante percebermos que a atitude solipsista da opção pessoal de cada um, bastante difundido em nossa sociedade, recobre estratégias políticas interessadas no uso econômico do corpo. Trata-se muito mais de uma temática da política e da economia do que de uma preocupação ética com o respeito à liberdade sexual da pessoa, conforme se compreende a partir da genealogia de Foucault. Falar da sexualidade como opção é muito mais efeito do dispositivo de poder da sexualidade (FOUCAULT, 1988) do que amadurecimento crítico da reflexão sobre a sexualidade como questão inerente à educação e à formação humana.

Outro motivo que preocupa ao se reduzir a noção de sexualidade a uma opção pessoal é o fato de ele responder não ao que é sexualidade, mas preocupar-se em responder (dar uma solução) à polêmica sobre as causas que determinam as formas de prática sexual e subjugar a sexualidade a determinados tipos de prática sexual, hetero, homo, trans, bi etc. Dizer que a sexualidade é uma opção assemelha-se, no desvio de foco da reflexão conceitual, a dizer que ela é uma determinação biológica (“Acredito que isso já nasce com a pessoa”, como diz a voz estudantil) ou que é uma criação divina, ou seja, está preocupada em indicar, de modo simplista, as causas deterministas da sexualidade, impedindo-se de compreender o âmbito político e econômico que atuam sobre as pessoas e suas subjetividades, na produção da sexualidade humana.

O questionamento feito era sobre sua noção de sexualidade. Mas as respostas tentavam explicar as causas da definição sobre o sexo das pessoas. Nessa tentativa de explicar a causa do sexo, diziam que ele é uma escolha. Esse dado chamou a atenção e fez pensar sobre uma questão interessante. Em geral, pelas condições *normais* do ser humano, se é menina ou menino. Para ser menina ou ser menino, não é necessário fazer opção, ou seja, se é naturalmente menino ou menina. A fala da *opção* parece sempre referir-se às sexualidades desviantes ao padrão heteronormativo como, por exemplo, “Quando a pessoa não sabe como fazer para assumir algo para outra pessoa, ou porque tem vergonha” (fala transcrita do questionário), pois o normal seria ser menino ou menina. Para ser menino, não precisa assumir nada, não precisa ter vergonha, portanto, não há opção. Quando se fala de opção, o que se desvela é apenas o diferente, “é pessoas que gostas de pessoas do mesmo sexo e se veste aucontrario das outras pessoas do seu mesmo sexo ex: homens que se vestem de mulher”. O que se verifica é que a fala da sexualidade como opção recobre também a ausência de discussão acerca do que é o heteronormativo, o que é o ser homem e ser mulher. A escola não promove o debate para compreender o que significa uma fala como a de uma/um aluna/o, “A escolha tomada por um cidadão dentro de suas opções sexuais seja ela qual for!”. É muito importante colocar em evidência que essa fala contém um referencial heteronormativo, pois ela só se justifica desde que esse *qual for* não seja menino ou menina, pois aí não se falaria de *a escolha ser tomada*, nem de opção, pois estaria tudo normal.

Destoando um pouco das narrativas polêmicas, uma voz diz, com a insegurança própria do ambiente, “Eu não tenho certeza sobre os termos técnicos, mas ao meu ver sexualidade é o nome correspondente ao conjunto de interatividades afetivas do ser humano”. Para essa fala, a sexualidade refere-se à afetividade humana, o que abre outro espaço de discussão, mas que não cabe neste texto.

HOMOSSEXUALIDADE É? “HOMEM COM HOMEM DANDO A RÉ NO KIBE, MULHER COM MULHER BRINCANDO DE DJ”.

Conforme já mencionado acima, a noção de homossexualidade está quase exclusivamente referida ao tema da relação com o outro e, na maioria dos casos, enquanto genitalidade: “Sexo entre duas pessoas do mesmo sexo”. Se, por um lado, apenas três respostas declaravam não saber o que significa homossexualidade, a globalidade das respostas indica que os alunos e professores reproduzem padrões de fala comuns na sociedade. “É gostar do mesmo sexo, eu acho quando uma pessoas tem atração por pessoa do mesmo sexo” ou “pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo”. Ao discutir a homossexualidade, no âmbito da sexualidade humana, predomina a noção de sexo enquanto prática, o que se verifica nas respostas, não importa se a pessoa se posiciona contra ou a favor à homossexualidade, nem as razões pelas quais é contra ou a favor. A noção de homossexualidade é reduzida à temática da prática de sexo, não entrando em discussão a dimensão existencial, formas de ser, formações identitárias que rompem com o binarismo macho/fêmea, masculino/feminino, homem/mulher.

Para uma parte das falas, o homossexualismo é percebido apenas como uma relação entre pessoas do sexo masculino. “Que gosta tipo de outro homem?! Homens que sentem atração pelo mesmo sexo dele”. É uma questão de *viadagem*, ou de *ser gay*, que ocorre entre “Dois homens juntos. algo sem noção, loucura”. Possivelmente por pensar o sexo como relação genital e como penetração, não passa pelo imaginário uma relação sexual entre duas mulheres. Mas talvez a própria semântica da palavra, homo e homem (ser masculino), possa induzir à representação da homossexualidade como fenômeno apenas masculino. Além disso, nas discussões nas mídias de massa, sejam nos discursos religioso, nas novelas, etc., a homossexualidade feminina está pouco presente. Somado a isso, o comportamento das mulheres nos ambientes sociais é menos observado para ver se há ou não componentes homossexuais, quando trocam algum afeto, beijinhos, abraços, etc.

De toda forma, explicita-se nas falas dos questionários que o critério para pensar a homossexualidade é o masculino e o feminino. Em todas as narrativas analisadas, o fundamento a partir do qual se pensa a sexualidade e uma de suas variações, a homossexualidade, é sempre o padrão heteronormativo como fundamento de todo debate sobre sexualidade. Assim, segundo os dados dos questionários, todos somos ou homens ou mulheres, por questão genital, gerados pela natureza ou criados por Deus. Isso não se modifica, ou seja, não se deixa de ser homem ou mulher, pois só há variação na atração ou na prática sexual, mas sem deixar de ser masculino ou feminino. “É uma pessoa do sexo feminino ou masculino que se atraem por alguém do mesmo sexo homem que gosta de homem não sei”. Nas falas, homossexuais são “Pessoa que se relaciona com pessoas de seu próprio sexo”. Nitidamente, não se trata de outra sexualidade, mas apenas uma variação prática, a partir dos dois únicos sexos. “Uma pessoa gosta de outra do mesmo sexo é o termo usado para indivíduos que adotam como parceiros pessoas do mesmo sexo”.

Em boa parte das falas se vê aceitação, sem hostilidade ou intolerância, nem re-criminação. Para estes, a homossexualidade é “Uma escolha de ser feliz, tudo bem que Deus diz lá que tem que ter reprodução mas não acho necessário, acho que se tu é feliz tu não precisa ter medo”. A fala, mais uma vez, revela o padrão heteronormativo e o que é, para ela, fundamento desse padrão, Deus. Outra fala mostra o direito à pluralidade da sexualidade: “Um direito da pessoa de não precisar fingir ser quem ela não é, um jeito de ela ser verdadeira para com ela e com toda a sociedade”.

Mas ainda se verificam várias falas com forte tônica de preconceito, como, por exemplo: “São pessoas que gostam do mesmo sexo, é uma viadagem”, designando, com essa expressão, uma rejeição, pois degrada a masculinidade. Reafirmando a norma hétero, também se disse, com preconceito, que “Homossexualidade é uma coisa que na minha opinião não deveria existir pois você deve honrar do jeito que nasceu e como nasceu, e seguir padrões definidos por seu sexo”. Nesta maneira de ver, a homossexualidade é “[...] pura viadagem, e um insulto com a vida da pessoa não é necessário mudar de sexo”. Na ordem do preconceito aparece a função reprodutora do sexo para recriminar a homossexualidade: “Um comportamento, não gera frutos e não é necessário na sociedade”. Aparece, também, o apelo religioso na fala sobre a homossexualidade: “O desrespeito das leis criadas por Deus”. “Uma prática antibíblica”. Justificando *cientificamente* o preconceito, algumas pessoas associam a homossexualidade a problemas de saúde: “Axo que deve ser um distúrbio que a pessoa tem em definir seu sexo”, talvez até genético, “É o sexo indefinido”.

HOMOAfetividade é? “ACREDITO QUE FORMA DE RELAÇÃO EM LAÇO DE AMIZADE ENTRE PESSOAS”

Conforme mencionado anteriormente, na descrição do conceito de homoafetividade, verificou-se o maior número de pessoas dizendo que não sabiam o significado, que não conheciam o conceito: “Vish, o que é isso?”. Provavelmente, isso se deve, por um lado, ao fato de a noção de afetividade estar desvinculada do tema do sexo e do tema da homossexualidade e, por outro lado, ao conceito ser pouco usado até esse momento.

Entre os que responderam descritivamente à pergunta, verifica-se a predominância, em torno de 80%, do conceito de afetividade enquanto designação de amizade, carinho, afeto, com ou sem desejo sexual: “Eu acho que deve ser carinho entre pessoas, de heterossexuais, homossexuais, etc”. Grande parte das falas associa esse afeto ao problema da homossexualidade: “acho que o carinho de um casal gay”; “Quando temos amigos (as) homossexuais”; “a amizade afetiva entre pessoas do mesmo sexo troca de palavras e/ou saliência com seu parceiro ter carinho, afeto e demais coisas por parceiros do mesmo sexo”; “É a forma de carinho dos cidadãos”; “Acho que são pessoas do mesmo sexo que se dão bem”; “É o afeto entre duas pessoas do mesmo sexo, sem o desejo sexual”.

Outras falas, na tentativa de entender o significado de homoafetividade, imaginaram tratar-se de distúrbio ou de problemas homofóbicos: “As pessoas afetadas com traumas ou discriminação”; “pessoas que tem homofobia”; “Um preconceito contra algumas pessoas e isso envolve violência e agressões”.

Uma parte das falas, em número não muito elevado, entende a homoafetividade como sinônimo de homossexualidade: “não sei o que é mas acho que é quando pessoas do mesmo sexo sentem atrações uma pela outra”; “relação entre homossexuais”; “pessoas do mesmo sexo casadas”.

Segundo a análise genealógica, a homossexualidade é, na ordem do discurso da sexualidade, criação de significados, integrante do dispositivo da sexualidade, ou seja, herdeira legítima da vontade de saber que perpassa as estratégias de poder (FOUCAULT, 1988).

A sexualidade revela-se como um dispositivo histórico e não um dado da natureza e, assim, uma grande rede da superfície

[...] em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p.100).

Desse modo, para se compreender a sexualidade e as formas praticadas em diferentes sociedades, deve-se buscar em determinado tempo, época, e lugar, o modo como as pessoas utilizam conceitos como homossexualidade, sexualidade e homoafetividade. Os dados contidos nas falas das pessoas nos mostram como está constituído e de que modo atua sobre os indivíduos o dispositivo da sexualidade naquele momento histórico.

A homossexualidade não é uma realidade natural, mas algo histórico e socialmente construído e diz respeito a uma realidade culturalmente arbitrária (COSTA, 1995; 2002). Ela é uma invenção da era moderna, pautada no binarismo heterossexualidade/homossexualidade. Tal modelo de sexualidade surge justamente por uma época marcada pela ordem, “[...] um tempo de intolerância à diferença, mesmo que essa intolerância esteja encoberta e recalçada sob o véu da aceitação e da possível convivência [...]” (VEIGA-NETO, 2001, p.112)

Os tempos atuais modificam a construção clássica de sexualidade, pois parecem querer expor que a dicotomia homem/mulher, heterossexualidade/homossexualidade não se sustentam por si só, bagunçando os limites das fronteiras até então bem delineadas e fundamentadas numa estabilidade dos corpos e dos gêneros (BUTLER, 2003).

Os gêneros e os corpos são a essência ou identidade que pretendem expressar

[...] são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. [...] Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública

da fantasia e pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a integridade do sujeito. (BUTLER, 2003, p.194-195)

O controle exercido por uma pedagogia sexual sobre o corpo nada mais é do que uma engrenagem de um sistema que se utiliza das técnicas pedagógicas para produzir efeitos de enquadramento do pensamento, dos desejos e do corpo. Tais efeitos desejados têm um viés político e econômico. Anseiam corpos treinados e submissos para o mercado de trabalho e da cultura de consumo que atualmente governa as mentalidades. Tal estratégia, que atualmente vigora nas escolas, corresponde ao que Foucault (1998) chamou *biopolítica*.

A QUESTÃO DE SER E DO VALOR SOB A ÓTICA DA SEXUALIDADE – A ALTERIDADE

Na geração de dados, por meio do questionário, alguns itens visavam conhecer o modo como, eticamente, as pessoas pesquisadas avaliam os outros, a partir do tema da homossexualidade. Essas questões eram de escolha, SIM ou NÃO, podendo a pessoa fazer alguma anotação, caso desejasse. Os dados das respostas surpreendem por haver uma contradição entre as respostas.

Uma significativa maioria, em torno de 70%, acredita que SIM, a pessoa deveria assumir sua homossexualidade, mas que essa poderia ter prejuízos à sua imagem; e em torno de 68% acredita que a homossexualidade NÃO diminui o valor moral da pessoa. Assim, em torno de 70% acredita que a homossexualidade não afeta o valor da pessoa e que essa deveria assumir publicamente sua homossexualidade, ao mesmo tempo em que um número semelhante de pesquisados acredita que ela terá prejuízos à sua imagem. Esses dados mostram que, atualmente, estamos em uma sociedade embrenhada em uma trama de poderes e relações que ainda respira a supremacia ou pelo menos a imposição que os discursos heterossexuais tentam imprimir, impondo suas práticas sobre a homossexualidade, exercendo um controle sobre o agir, o pensar, a ponto de julgar ser, o homossexual, um diferente, desajustado social, fora da norma, um desviante. Em função disso a maioria entende que alguém que assume sua homossexualidade tem prejuízo à sua imagem. O dado positivo é que a maioria, pelo menos em seu posicionamento, mostra não haver diminuição do valor da pessoa caso ela se assuma como homossexual. Mas ainda se deveria ver *in loco* se há, efetivamente, um acolhimento tranquilo dessa alteridade sexual ou se, na prática cotidiana, predominam a segregação, a hostilidade, o preconceito, conforme homossexuais, em outras pesquisas (KRAEMER, 2011, 2012), relatam sobre suas experiências no período escolar. O problema da aceitação da alteridade, seja sexual, seja étnica, se mescla no cotidiano. Isso revela um problema para os pesquisadores, sobretudo quando, em um mesmo ambiente, aparecem as duas formas da diversidade,

[...] gênero e raça, não são claramente separados um do outro. Nem são nitidamente separados da sexualidade e classe. Ao contrário, todos esses tipos de injustiça cruzam-se de modos que afetam os interesses e identidades de todos. (FRASER, 2001, p. 280).

A produção dos discursos é sempre selecionada, organizada e controlada através de procedimentos de exclusão (FOUCAULT, 2002), como a interdição, que demonstra que não se pode falar de tudo em qualquer lugar ou até mesmo para qualquer pessoa sob pena de incorrer em prejuízo à sua imagem.

A QUESTÃO DO PODER, DO SABER E DO SILÊNCIO

Nos questionários aplicados, o enunciado da última pergunta era: “o que você sempre quis saber sobre sexualidade e nunca teve coragem ou oportunidade para perguntar”. Os registros a essa questão surpreenderam, pois se imaginava dúvidas ou perguntas inusitadas. Mas do total, 413 nada escreveram. Dos demais, 345 deles responderam algo como “nada”, “não tenho interesse”, ou “já sei tudo”. Observa-se que 758 pessoas não manifestam qualquer curiosidade em relação ao tema da sexualidade. Se confrontado com as questões descritivas, que manifestam uma visão muito simplória ou estereotipada de sexualidade, chama a atenção o fato de quase 80% dos alunos e professores se mostrarem, aparentemente, satisfeitos com seu saber ou não mostrarem curiosidade acerca da sexualidade humana.

Mas, conforme já foi lembrado, não se pode esquecer que o questionário foi aplicado em ambiente escolar. Essa circunstância revela diversas facetas importantes. A primeira delas é que a escola, enquanto instituição disciplinar, não responde às curiosidades dos adolescentes, no que se refere às urgências de seu dia-a-dia. Os conhecimentos veiculados pela escola lhes parecem abstratos, distantes de sua realidade. Também para os professores a escola é um local de trabalho, desgastante, cansativo. Dificilmente pensam nela como local para satisfazer suas curiosidades mais relevantes. Em geral, as pessoas não pensam na escola de educação básica como um local de esclarecimento ou de respostas às suas necessidades de conhecimento.

Por outro lado, não se pode esquecer, conforme assinala Foucault (1987), que a escola é uma instituição disciplinar, construída para disciplinar o corpo, produzindo uma subjetividade dócil e útil. A sociedade moderna tem na escola um *dispositivo de poder*. Um dos dispositivos de poder estudados por Foucault, em *Vigiar e Punir*, é a disciplina. Ela treina o aluno para o silêncio e a obediência, não para a pergunta. O outro dispositivo de poder estudado por Foucault é a sexualidade. Juntos, esses dispositivos compõem um sistema de saber e de poder que atua sobre as instituições. É o que Foucault chama de biopolítica. Deve-se entender, então, que esse conjunto de fatores, no ambiente escolar, influencia nas respostas que manifestam ausência de curiosidade.

A respeito do dispositivo de poder em Michel Foucault, Moneda Oliveira Ribeiro (1999, p. 361) esclarece que ele se refere “[...] aos discursos que consistem em: um programa de uma instituição, ou uma justificativa de uma prática (ou sua reinterpretção) e/ou uma nova racionalidade”. Além disso, ele também utiliza o termo para “[...] referir-se às instituições, às organizações arquitetônicas, às decisões regulamentares, às leis, às medidas administrativas, aos enunciados científicos e às proposições filosóficas, morais e filantrópicas.” (RIBEIRO, 1999, p.361).

Para Foucault, segundo Ribeiro (1999 p.361), o dispositivo “[...] é de natureza essencialmente estratégica, está sempre inscrito em um jogo de poder e ligado às configurações do saber.” Também se trata de uma “[...] manipulação, de uma intervenção racional e organizada das relações de força.” (RIBEIRO, 1999 p.361)

O conceito de biopoder, cunhado por Foucault, significa uma amplitude maior do que o dispositivo disciplinar. Enquanto as disciplinas visam o corpo do indivíduo, o biopoder, apoiado nos dispositivos da disciplina e da sexualidade, visam a população. O biopoder atua em massa, por meio de instituições como a economia, o mercado, o Estado, por exemplo. São práticas que percorrem as diferentes instituições e influenciam diretamente a vida da população. Dessa forma, a Medicina seria um exemplo, um dispositivo desse biopoder, pois após suas constantes intervenções médicas, bem como as mais altas instituições, exerce um papel importante na sociedade. Como vemos, “Se até o século XVIII a medicina se ocupava do doente e das doenças, houve depois disso uma progressiva medicalização do Estado, das cidades e da população” (MARTINS; PEIXOTO JUNIOR, 2009, p. 157). Nesse sentido, a vida “em seu conjunto passa a ser objeto de preocupação do Estado, por meio da intervenção médica. Essas considerações se situam na raiz do que mais tarde será o conceito de biopoder.” (MARTINS; PEIXOTO JUNIOR, 2009, p. 158) E isso também é o que Michel Foucault, tratou por bio-história, “ou seja, um novo regime de historicidade, de relações de interferência entre os movimentos da vida e os processos históricos, que se define enfim, pela entrada da vida na história, no campo das técnicas políticas” (MARTINS; PEIXOTO JUNIOR, 2009, p. 158).

Conforme destaca Veiga-Neto (2005), esse novo poder, que teria aparecido no século XVIII e tomou “[...] o corpo coletivamente, num conjunto de corpos, esse novo poder inventou um novo corpo, a *população*, mas agora trata-se, ao contrário do poder disciplinar, de um corpo com uma multiplicidade de cabeças” (VEIGA-NETO, 2007, p. 72). Ele acrescenta que esse tipo de poder não é troca do poder antigo por um novo, até porque o próprio biopoder necessita de disciplina para se manter, no entanto conforme assevera, este é colocado “[...] numa outra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliado por instrumentos totalmente diferentes.” (VEIGA-NETO, 2007, p. 72)

No que se refere ao conceito de *biopolítica*, aliada à disciplina e ao biopoder, compreende-se que este termo não se trata de um poder somente sobre o indivíduo, mas

sobre toda a espécie que por ele é atingida. Sobre a questão disciplinar, se este poder fazia uma anátomo-política do corpo, o biopoder faz uma biopolítica da espécie humana. Como ser vivo, população, sociedade, comunidade, etc., essa biopolítica tem efeito em muito mais do que somente na pessoa individual. Se a disciplina conforme vimos, “[...] é individualizante e penetra o corpo em seus detalhes, a biopolítica focaliza a massa humana: o que interessa são os processos de conjunto, suas modulações e as variáveis que os afetam.” (MARTINS; PEIXOTO JUNIOR, 2009, p. 162). Além disso, compreende-se que “[...] essa tecnologia de poder, essa biopolítica, vai implantar mecanismos que tem certo número de funções muito diferentes das funções que eram as dos mecanismos disciplinares” (FOUCAULT, 1997, p. 293).

Mas para se compreender esse funcionamento do poder não basta analisar as grandes instituições, como o Estado. Para flagrar o funcionamento do poder necessita-se de uma microfísica, uma análise do detalhe, no interior de nossas instituições, para ali flagrarmos o modo de atuação do poder.

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e o delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos. (FOUCAULT, 1979, p.182)

Conforme já salientado, o poder “penetra em instituições” também, evidentemente, penetra na instituição escolar. Mas, alerta Foucault que precisamos parar de acreditar que os efeitos do poder são sempre negativos, como “‘ele exclui’, ele ‘reprime’ ele ‘recalca’, ele ‘censura’, ele ‘abstrai’, ele ‘mascara’, ele ‘esconde’”. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade” (FOUCAULT, 1987, p. 40)

Nessa produtividade do poder deve-se analisar as respostas obtidas nos questionários. Elas nos mostram os efeitos do dispositivo de sexualidade sobre a subjetividade, sobre o pensamento e sobre a conduta das pessoas. Reduzir a sexualidade a escolhas de práticas sexuais é um dos efeitos do dispositivo estratégico da sexualidade, agindo no modelo biopolítico de poder.

Mas também os silêncios, o “não querer saber nada” sobre sexualidade deve ser observado a partir das estratégias de poder. Sobre essas posturas cabe salientar que elas também dizem algo, e que pode revelar algo ainda mais complexo. Para isso, podemos salientar que

Os silêncios e as esquivas a falar também mostram os efeitos de poder que atravessam as relações constituintes do dispositivo da sexualidade. [...] Não falar, numa situação de pesquisa, na condição de pesquisado, seja respondendo ao questionário ou na condição de entrevistado (silenciar seu saber ou sua opinião) é uma maneira de dizer como se está situado na trama, também uma forma de saber e de poder, das relações que distribui os sujeitos, fonte e alvo dos dispositivos da sexualidade (LOPES, 2015, p. 100).

Portanto, o silêncio ou o “Não há nada que eu queira saber que já não perguntei” ou também “nada, sempre corri atrás do que tive curiosidade” é, por um lado, parte da estratégia de resistência à massificação do saber escolar abstrato, fundado numa leitura apenas biológica do corpo, com um discurso científico e universalizado, enquanto o corpo é uma instância viva, singular e com pulsões e prazeres plurais. Por outro lado, as falas revelam que as pessoas não esperam da escola sua inserção nos saberes do mundo cotidiano, mas “corri atrás do que tive curiosidade”, ou seja, elas contam com o próprio mundo para sua educação em sentido mais completo. Não é só com relação à sexualidade, mas as estéticas do corpo, a moda, o uso de tecnologias (quando foi que a escola foi pioneira em ensinar um estudante a usar um celular, um *tablet*?) etc., que o estudante aprende o mundo apesar da escola e não por causa dela. Isso não significa que a escola, com seu currículo formal, nada ensina. Mas a questão sobre a relação da escola com o mundo real das pessoas parece que precisa ser revista, pois, afinal, além do ensino, é também dever da escola praticar educação para a vida, para a ética, para o mundo contemporâneo, etc..

Conviver com os não iguais, acolher e tratar bem as diversidades é também parte da prática da educação na escola. Dessa forma e “com base na diversidade sexual, as crenças sobre as sexualidades precisam ser continuamente questionadas” (TORRES, 2010, p. 37) para que a escola seja um lugar que sirva para uma verdadeira educação e se afastem os preconceitos da diversidade sexual.

Conforme Marco Antônio Gambôa (2013, p. 108), muitas vezes a reprovação da homossexualidade pode ter algo mais profundo. Ele questiona

E o que poderíamos dizer quanto ao medo de se tornar homossexual? Será que a homofobia não é o medo de ver despertar em si mesmo a homossexualidade? Seja como for, parece que ser e não-ser coabitam no humano, onde ser é também não-ser. Talvez não por outro motivo se diga diante de um comportamento que se reprova: você não está sendo humano.

Olhando por essa perspectiva, podemos notar que o medo da alteridade pode ter um componente que revele o próprio medo de tornar-se esse outro. O outro (diferente) é uma ameaça às minhas certezas, à minha identidade supostamente estável ou superior. O diferente desafia minha própria subjetividade, por isso certa recriminação ou preconceito. A escola é um espaço em que essas tensões, esses conflitos, esses modos de saber e de práticas de subjetividade afloram. É também seu dever trabalhar com honestidade tais relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade e com ela a homossexualidade, em nossa sociedade, é parte das dinâmicas do saber e do poder. Enquanto dispositivo estratégico, a sexualidade integra a dinâmica do biopoder. Pretender analisá-la em sua verdade objetiva, científica, universal é esquecer que ela é parte das estratégias da sociedade e, enquanto tal, produtora de verdades que são subjetivadas e reproduzidas pelas pessoas. Pelo dispositivo da sexualidade ocorrem, para a subjetividade, muitas definições e controles. Ela passa a ser útil ou perigosa, mas principalmente ela se constitui objeto de saber, de poder, de discurso e de verdade.

A análise dos questionários, frente ao método genealógico de Foucault, mostrou que se faz necessário aprofundar as discussões no ambiente escolar a respeito do tema da sexualidade e da homossexualidade. Predomina uma visão muito ingênua e estereotipada, tanto entre professores quanto entre os estudantes da educação básica. Importa, para a educação, ressignificar esses conceitos na Educação e buscar ir além do processo de ensino/aprendizagem da linguagem científica, apoiada numa compreensão naturalista e biológica ou reprodutora da sexualidade. É muito importante que a escola compreenda a dimensão histórica, social e política do corpo e da sexualidade. Só assim ela poderá ser um lugar de esclarecimento e de confiança para a educação de temas tão importantes para a acolhida da diversidade.

O grande desconhecimento conceitual e a fragilidade das respostas, o senso comum instituído nos ambientes escolares sobre o tema da sexualidade e da homoafetividade mostra que, em primeiro lugar, a escola está determinada pelo dispositivo de sexualidade que vigora na sociedade. Em segundo lugar, mostra também que a educação é um campo do pensamento onde deve ocorrer a emancipação crítica com relação aos conceitos e às práticas, possibilitando a constituição de subjetividades emancipadas (FERRARI, 2004).

A educação, como meio basilar na constituição do sujeito, é um possível caminho a ser percorrido para suscitar a sensibilidade ética na vida de todos nós. Ética não no sentido da pura obediência às normalidades instituídas, mas no sentido de reflexão do homem sobre si mesmo, sobre sua convivência com os demais da sociedade. As virtudes como justiça, temperança, tolerância, humildade, etc., nos fazem caminhar para uma reflexão dos valores morais intrínsecos nas relações humanas. São justamente estas virtudes que nos fariam emancipar com relação aos juízos sobre os outros e sobre nós mesmos. Assim, a ética nos mostraria um novo mundo de possibilidades, ou seja, a possibilidade de criar-se uma consciência baseada em identidades culturais e no pluralismo.

A reação dos entrevistados frente ao tema da sexualidade e da homossexualidade indica sérias deficiências nos processos escolares de educação. Ignorância em relação ao conceito, a repetição do preconceito e uma visão de sexualidade calcada no senso comum são a principal característica verificada na pesquisa. Isso mostra a contribuição

desta pesquisa para uma abordagem crítica no combate ao preconceito e à violência envolvendo as questões de gênero. O espaço escolar é parte da vida de estudantes, são sujeitos que possuem as mais diversas identidades. Como tal, é importante aprenderem a acolher a diversidade sexual, étnica e religiosa.

A escola deve transcender o controle dos corpos que circulam em seus espaços e promover o combate ao preconceito nas relações de gênero. A pedagogia da sexualidade que vigora no currículo escolar é tão somente baseada no modelo de controle comportamental, estabelecendo como única verdade o caráter biológico, do macho e da fêmea, sem espaço para discutir a dinâmica social e histórica dos desejos e dos prazeres humanos na sexualidade, bem como suas manipulações e usos políticos e econômicos. O preconceito emerge de uma hierarquia, em que se tem o inferior e o superior, ou seja, a existência de posições antagônicas em que uma posição de identidade é uma ameaça à outra. Desse modo, a escola precisa atuar como instrumento de multiplicação do respeito às diversidades. A normatividade heterossexual tem causado sofrimento a professores e alunos que não se enquadram nesse padrão. A causa desse sofrimento provém dos juízos morais, baseados em uma fundamentação biológica, religiosa ou mesmo do senso comum preconceituoso, machista e carregado de limitações culturais, no sentido da aceitação da alteridade.

CONSTANTINO, Clarice Klann; KRAEMER, Celso. Sexuality , school education and diversity. *ORG & DEMO* (Marília), v. 16, n. 2, p. 145-162, Jan./Jun., 2016.

ABSTRACT: This research aims to understand sexuality and homoaffectivity in schools in Blumenau and region. Applied a questionnaire to 105 teachers and 987 students. The data is analyzed based on archeology and genealogy of Foucault. It was found that homosexuality is seen only as a practice for genital relationship. Not allude genres as well as male and female. Most teachers show prejudice against homosexuality, while 70% of students accepted. Teachers and students ignore the sense of homoafetividade and show stereotypical view of homosexuality. About otherness, the school does not discuss sexuality and rejects homosexuals, although students accept the issue, reducing intolerance and hostility to different sexuality. But lack of curiosity, like, *I know everything* attitude that reveals little expectation about the school, overcoming the stereotypes to which it has acceded, reproducing them in the attitude of the teachers in teaching materials guided by the heterosexuality, the moralization of conduct that it imposes. The high bias rate among teachers shows that clarification of homosexuality should be sought outside the school, as this proves inefficient with relevant topics of current education, such as diversity, otherness and sexuality.

KEYWORDS: education, sexuality, homoaffectivity, ethics, diversity,

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício:** estudos sobre o homoerotismo. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **A face e o verso:** estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

- FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 25, p. 105-115, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782004000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2001. p. 245-282.
- GAMBÔA, Marco Antônio. Homossexualidade e preconceito: a maldição do mito de uma natureza humana. **Ensaios Filosóficos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, dez., 2013. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/00_Revista_Ensaios_Filosoficos_Volume_VIII.pdf. Acesso em: 23 jul. 2015.
- KRAEMER, Celso; PROBST, Melissa; SILVA, Carla Fernanda. Outras vozes: análise de narrativas autobiográficas de homoafetividades femininas. In: **Anais do V Congresso Internacional de Pesquisa (auto)Biográfica**. Porto Alegre, PUCRS, outubro de 2012.
- KRAEMER, Celso; SILVA, Carla Fernanda; LESSA, Fabieli. Homoafetividades Femininas em Blumenau: cartografias possíveis. **Métis História e Cultura**. Caxias do Sul, v. 10, n. 20, jul./dez., 2011.
- LOPES, Cristiane Theiss. **Os enunciados sobre sexualidade que circulam no espaço escolar: análise de um dispositivo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. .
- MARTINS, Luiz Alberto Moreira; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Genealogia do biopoder. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 157-165, 2009.
- MOURA, Thelma Maria. **Foucault e a escola: disciplinar, examinar, fabricar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- TORRES, Marco Antonio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG: UFOP, 2010. – (Série Cadernos da Diversidade).
- VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118.
- _____. **Foucault & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Submetido em: 12/11/2015

Aceito em: 04/02/2016